

A floresta ausente

Categories : [Ramiro Escobar](#)

No último 20 de março, se realizou em Lima, Peru, o seminário internacional “América Latina: Oportunidades e Desafios” organizado pela Fundação Internacional pela Liberdade (FIL), presidida pelo Prêmio Nobel de Literatura Mario Vargas Llosa. Dois ex-presidentes de países amazônicos – Jorge Quiroga, da Bolívia e Álvaro Uribe, da Colômbia – participaram, falaram e debateram. Quase nenhuma frase, palavra ou ideia sobre a Amazônia.

Cúpula das Américas em Cartagena das Índias, 14 e 15 de abril. Entre os 34 países convocados, cinco mandatários de países amazônicos: Ollanta Humala, do Peru; Evo Morales, da Bolívia; Juan Manuel Santos, da Colômbia; Desi Bouterse, do Suriname e Anthony Hinds; da Guiana (primeiro-ministro). Referências notáveis ao maior ecossistema tropical do mundo? Nas 47 disposições surgidas da reunião, nada que tivesse força.

A única referência, digamos oblíqua, e importante, que se fez foi a do Brasil, ao citar resultados concretos da próxima Conferência “Rio+20”, que se realizará no Rio de Janeiro de 20 a 22 do próximo mês de junho. Mas foi uma referência ao meio ambiente em geral, não ao ecossistema amazônico em si. Embora esse território abranja 60% dos oito países da bacia do maior e mais longo rio do mundo.

Mas com tudo isso, talvez exista uma exceção e por aí estou exagerando. Na citada reunião de Lima, Quiroga e Uribe sim falaram da floresta – curiosamente, quase não usaram a palavra ‘Amazônia’ ou ‘amazônico’, talvez porque lhes é bastante estranha – mas para se referir ao narcotráfico ou à subversão. No caso do primeiro, para se referir à zona produtora de coca chamada Chapare; Uribe, como é óbvio, para falar de suas vitórias frente às FARC.

Incrivelmente, essas referências, com frequência ditas em um tom algo triunfalista, evidenciam um fracasso ancestral no manejo da Amazônia. Se a subversão armada está lá, ou se a coca tem se estendido como uma praga em alguns países (Peru é outro caso, já que na borda da floresta rondam bandos ligados ao narcotráfico), é justamente porque a biodiversidade deste ecossistema tem sido menosprezada.

Tanto que o outro ângulo por onde mandatários, ou ex-mandatários, costumam se aproximar da Amazônia é a exploração de hidrocarbonetos. Alan García, por exemplo, durante seu segundo mandato presidencial (2006-2011), sim, falou dela, mas a descrevendo como um grande depósito de madeira, gás ou petróleo. Em seu célebre artigo “[A síndrome do cachorro do jardineiro](#)” fomenta os investimentos em grande escala na floresta.

Não seria má ideia se esses planos estivessem direcionados à sustentabilidade. Mas acontece que sua ênfase sobre a falta de ação dos indígenas para desenvolver suas terras e, mais ainda, o entusiasmo com que distribuía novos lotes petrolíferos, estradas ou represas (em convênio com o Brasil, por um acordo com o Lula que causou controvérsia), deixou pelo menos a suspeita de que ele via o ecossistema da floresta como uma grande despesa.

O discurso político ‘amazônico’ (ou melhor, ‘não amazônico’) parece se mover nessas duas direções: ou para mostrar como se está resgatando a floresta de narcotraficantes e subversivos, ou para sugerir que é a nova Meca dos investidores. Dificilmente se escuta alguém, não só entre os presidentes, mas também entre a maioria de líderes políticos, conceber à Amazônia como um cenário de possibilidades diversas, e não só de extrair suas riquezas.

A exceção pareceu ser em algum momento, o presidente equatoriano Rafael Correa, com sua iniciativa para conservar o [Parque Nacional Yasuní](#), em troca de financiamento para manter a floresta em pé e lutar contra as mudanças climáticas, em vez de entregá-lo às petroleiras. Só que a demora em avançar com o projeto, e as constantes suspeitas de que haveria um ‘Plano B’ para extrair os recursos, fazem duvidar de sua verde franqueza.

É interessante observar, não a troca de nada, que a vocação “extrativista”, que vê o subsolo da Amazônia quase como um delicioso botim petrolífero, não tem signo ideológico. No caso dos presidentes que se localizam mais à direita do espectro político, o fim último é o investimento liberado; no caso dos outros (Bolívia, Venezuela, Equador), o objetivo é ter um armazém de ingressos para programas sociais.

Em ambos os casos, porém, o mais “social” e inteligente, seria não ver à Amazônia como um empório, ou um território por amansar e explorar, mas sim como um ecossistema rico, mas frágil ao mesmo tempo, com população importante (o maior crescimento urbano dos últimos anos é registrado nessa zona), como povos indígenas originários, que não tem infraestrutura. E essencialmente com uma fonte de biodiversidade de múltiplas possibilidades.

Suspeito que a maior parte da classe política ignore a existência do livro [‘Geo Amazônia’](#), publicado em 2009 pela OTCA (Organização do Tratado de Cooperação Amazônica). Ou então já o guardou na estante de sua biblioteca. A obra apresenta quatro cenários possíveis para o futuro da Amazônia: “Amazônia Emergente”, “Beirando o Precipício”, “Luz e Sombra” e “O Inferno ex-Verde”. O primeiro, sem querer parecer otimista demais, é o mais desejável.

Implicaria políticas públicas sustentáveis, forças de mercado (mas também na direção sustentável) e incentivos em ciência e tecnologia (embora não suficientes). Mas eu temo, contudo, que devido à negligência e cegueira da classe política, nos aproximamos a uma Amazônia que caminha para o precipício, cada vez mais ex-verde e que, exceto se houver uma guinada radical no discurso e na prática, nos aproximará ao inferno ambiental.

Ramiro Escobar é jornalista

especializado em temas internacionais e ambientais. Atualmente é colunista do diário La República e colaborador, no Peru, das revistas Poder, Quehacer e da agência Notícias Aliadas. No exterior colabora com o diário El País da Espanha e o portal ((o))eco Amazonia do Brasil. É professor de Comunicação, Política e Jornalismo de Opinião na Universidade Peruana de Ciencias Aplicadas (UPC).